

## AS CONTRIBUIÇÕES DAS FUNÇÕES RETÓRICO-DISCURSIVAS DOS LINKS PARA A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO NO HIPERTEXTO

Fernanda Karyne de Oliveira<sup>1</sup>; Bruno Santos Melo<sup>2</sup>; Jailma da Costa Ferreira<sup>3</sup>; Maria Ismênia

Lima<sup>4</sup>; Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa<sup>5</sup>.

*Universidade Estadual da Paraíba*  
fernandakoliveira@gmail.com

*Universidade Estadual da Paraíba*  
bsantasmelo@hotmail.com

*Universidade Estadual da Paraíba*  
jailma.jdf@gmail.com

*Universidade Estadual da Paraíba*  
ismenialima302@hotmail.com

*Universidade Estadual da Paraíba*  
amasilesousa@hotmail.com

**Resumo:** É pretensão deste artigo, analisar quais as contribuições semânticas oferecidas pelos links na leitura do texto hipertextual, bem como seus reforços para a construção do sentido. Elegeu-se como objeto de análise o hiperconto “Um estudo em vermelho” (2009) de Marcelo Spalding. Para tanto, a metodologia utilizada entrelaça análise e a revisão teórica. Para fins de análise, o aporte teórico utilizado será Gomes (2007, 2011) Hissa (2009), Koch (2007), Komesu (2005), Rojo (2012, 2013,2014), Marcuschi (2004), Santaella (2008), Xavier (2004), entre outros. A arquitetura do hipertexto favorece a emancipação do leitor por ser tratar de uma leitura não linear (ou linear), que depende dos objetivos que se tem quanto à leitura que está sendo realizada. Pode-se dizer que é uma leitura marcada, sobretudo, por escolhas. Um elemento importante para a construção do texto hipertextual são os links. Por fazerem parte da organização estrutural e retórica do hipertexto são considerados elementos centrais e constitutivos do texto eletrônico que conforme a posição e as ligações promovidas podem estabelecer diferentes relações de sentido. As funções de ordem estrutural e discursivas dos links dependem da função que desempenham no hipertexto. O sistema hipertextual ofertado pelo hiperconto permite, através dos links, a participação ativa do leitor, que mediante as suas escolhas em relação à narrativa digital, também se torna autor da obra, sendo responsável por traçar seu próprio percurso de leitura e, conseqüentemente, de escrita. Observam-se no conto em análise as diferentes relações de sentido propiciadas pela utilização dos links, bem como novas possibilidades de ordem semântica e estrutural apontada por eles.

Palavras-chave: hipertexto, links, construção do sentido.

## INTRODUÇÃO

As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) redesenharam as práticas sociais contemporâneas e delimitaram novos espaços de convivência e de interação. Vivemos a chamada era da “modernidade líquida” (BAUMAN, 2005) marcada, sobretudo, pela fluidez das coisas, estas que “não conseguem manter a forma por muito tempo” (BAUMAN, 2005 p. 57). A liquidez dos tempos provocou mudanças rápidas, constantes, que obrigaram os sujeitos sociais a engendramos diferentes táticas com o objetivo de se adequarem a essas mudanças propiciadas pela fluidez dos tempos. Não é equivocado pensar que as mudanças históricas e sociais foram e são mediadas pelo advento das TDIC, da internet, da informação bilateralizada disponibilizada na rede. Tudo isso aponta para transformações do que é aprender, saber e fazer coisas na modernidade.

Nesse contexto marcado por intensas mudanças, pode-se dizer que as questões relacionadas à leitura e a escrita também sofreram transformações. A comunicação mediada pela tecnologia provoca mudanças em nossa maneira de ler e escrever. Essas mudanças surgem pela necessidade de utilizar os recursos do meio digital. Linguagens que antes eram periféricas tornam-se salientes e, em muitos casos, são as protagonistas em eventos comunicativos, como é o caso de imagens fixas ou em movimento, destacando outras áreas como o design, sobretudo, a programação visual (GOMES, 2007). Assim, diz-se que essas novas formas de ler/escrever acompanham as evoluções sociais e tecnológicas e se dão justamente pela possibilidade oferecida pelo universo ciberespacial, da criação de novos letramentos e de novas práticas que envolvem essas competências.

Imersos nesse universo propício ao surgimento de novas práticas, neste caso, de leitura e escrita, surgem novas roupagens para a matéria textual, que passa do estágio estritamente linguístico para a agregação de novos estágios, como o semiótico, multimodal, interativo, e, virtual. Desta maneira, não falamos apenas em texto, mas sim em “hipertexto”. O conceito é amplamente estudado por outras áreas, mas é do interesse deste trabalho discutir o conceito pelo viés linguístico, principalmente, questões relacionadas à textualidade.

Desse modo, pode-se entender o hipertexto como um texto exclusivamente virtual que possui a presença de links, capazes de mobilizar diferentes recursos semióticos e gráficos, servindo como pontes para outros textos (GOMES, 2007), permitindo diferentes percursos de leitura, conferindo autonomia ao leitor durante o ato de ler. Entendem-se os links como elementos constitutivos e principais da matéria hipertextual, pois estes propiciam diferentes relações de

sentido, de acordo com a forma e a posição em que estão inseridos. Outrossim, suas funções estruturais e discursivas dependem do papel que desempenham no hipertexto.

Frente à instauração deste novo paradigma, vê-se que as fronteiras entre leitor e escritor foram dissolvidas e os laços foram estreitados, pois o leitor/usuário também é produtor, agora assume uma postura ativa e não passiva, escolhe seus itinerantes de navegação e escreve também naquilo que lê, tornando-se assim um lator (ROJO, 2013). Xavier (2004) caracteriza a leitura do hipertexto como uma “leitura self-service”, haja vista que o leitor se serve à vontade do que vai ler, escolhendo aprofundar-se ou não. O hipertexto emancipa o leitor, de forma, que este escolhe por onde “caminhar”, os caminhos que deve seguir (através dos *links*) neste, que pode ser chamado de um labirinto virtual, até chegar ao seu destino, que depende dos seus objetivos quanto à leitura realizada.

A arquitetura do hiperconto, objeto escolhido para análise, favorece a metáfora proposta por Xavier (2004), já que a participação do leitor é decisiva para a construção do texto. A interface do hiperconto convida o leitor para traçar seus próprios percursos de leitura, de forma que, só é possível progredir na narrativa se o leitor fizer escolhas, delimitando assim o rumo da história.

Ademais, mediante os conceitos expostos e a problematização levantada, é pretensão deste artigo analisar quais as contribuições semânticas oferecidas pelos links na leitura do texto hipertextual, percebendo também seus reforços para a construção do sentido no hiperconto. Nesse contexto, serão analisados os efeitos gerados pelas escolhas (ou não escolhas) dos links. Para enriquecimento das discussões, recorrer-se-á as contribuições teóricas de Bauman (2005), Gomes (2007, 2011) Hissa (2009), Koch (2007), Komesu (2005), Rojo (2012, 2013, 2014), Santaella (2008), Xavier (2004) entre outros, credibilizando as discussões fomentadas.

## METODOLOGIA

O método escolhido para a investigação foi o método analítico/descritivo. Ao utilizar este procedimento estará se analisando o comportamento dos links e, conseqüentemente, as contribuições semânticas dadas ao texto. Para tanto, perceber-se-á os efeitos produzidos pelas escolhas (ou não escolhas) dos links na construção do hiperconto e suas implicações para a construção do sentido no hipertexto.

O texto escolhido para a análise tem como título “*Um estudo em Vermelho*” (2009), de Marcelo Spalding. É caracterizado como um *hiperconto*, pois agrega além das características do

conto clássico, a integração de várias semioses, sem falar que a interferência do leitor é um fator preponderante para a construção do texto. Apresenta diferentes possibilidades de construção, e, com isso, oportuniza diferentes percursos de leitura. Sua construção se dá por meio do acesso aos *links* disponibilizados. A respeito da estruturação do hiperconto, comenta o autor: “a fórmula utilizada para a confecção dos finais é a análise combinatória. Há 3 cenas em que o leitor interfere diretamente, escolhendo a direção que deseja tomar. Dependendo dessas escolhas, o final muda. Como foram 3 escolhas, há 8 finais possíveis. Se fossem 4 cenas, seriam 16 finais; se fossem 5, 32 finais” ( SPALDING, 2009).

É importante ressaltar que esse trabalho não se ocupará da materialidade literária do texto, importando-se apenas com a construção hipertextual disposta, bem como suas possibilidades estruturais e semânticas. Interessa, portanto, o percurso oferecido pelos *links*, a forma de atuação do leitor em relação à construção do texto e o próprio percurso de leitura traçado por ele.

Além da análise, a revisão teórica faz-se necessária, haja vista que ela permitirá construir interpretações, significados através da análise dos dados (CUSTÓDIO, 2013), possibilitando assim o aprofundamento do tema da pesquisa pelo pesquisador, estando em constante confronto e diálogo com a análise dos dados (CUSTÓDIO, 2013).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 1.0. Hipertexto: histórico e conceito

Os primeiros esboços para adoção do sistema hipertextual conhecido hoje começaram no século XIX, aproximadamente no ano de 1876, com Melvil Dewey, um bibliotecário norte-americano que publicou uma obra, considerada revolucionária, para o sistema de bibliotecas, conhecido como a Classificação Decimal de Dewey. O CDD era é um sistema hierárquico de classificação que dividia em 10 partes as áreas do conhecimento. Ressaltando que, apesar da adoção desse método, a informação ainda era disposta de forma linear e impressa.

Continuando o percurso histórico do hipertexto, tem-se o Físico e matemático Vanevar Bush que percebeu a quantidade de informações que o ser humano tinha para gerenciar e vislumbrou a tecnologia como ferramenta auxiliar para esse gerenciamento. No ano de 1945, escreveu um artigo que dizia que a mente humana não se organizava e nem pensava linearmente, mas funcionava por meio de associações, associações estas não lineares. Assim, propôs um dispositivo mecânico, anterior ao computador, uma mistura de microfilme e celulafotoelétrica, capaz de organizar os

conteúdos não hierarquicamente, permitindo o acesso de forma não linear. A este dispositivo deu o nome de MEMEX (GOMES, 2011). O dispositivo tinha, entre outras vantagens, a capacidade da criação de links entre outros documentos, o que inaugurava uma nova forma de indexação e de acesso aos conteúdos. A respeito do sistema criado pelo físico norte-americano e seus avanços em relação à obra do bibliotecário:

A inovação estava no fato de que a indexação não era uma relação externa ao pesquisador, como a de Dewey, que classifica as obras de acordo com áreas de conhecimento. Bush ainda foi além: ele propôs não apenas o acesso não hierárquico às obras de classificação (ligação) pessoal e particular, mas intervenção nelas, a ponto do pesquisador poder alterar ou comentar seu conteúdo! Ao fazer isso, ele antecipou os questionamentos teóricos que vieram depois sobre o conceito de autoria, sobre a natureza da interação entre leitor-autor-texto e, claro, sobre a questão da linearidade dos textos como uma característica fundamental da coerência (GOMES, 2011, p.18).

O hipertexto baseado em computador surge nos anos 1960 com o pesquisador norte-americano Theodor Holm Nelson para designar sistemas textuais deslinearizados, ou seja, escritas eletrônicas não padronizadas. Um trecho de texto verbal ou pictórico interconectado com inúmeros outros trechos, por meio de links, de forma complexa, isto é, não linear, que não pode ser representado de modo conveniente de forma impressa (...) (GOMES, 2011). Ele foi coordenador, juntamente com outro pesquisador, do projeto Xanadu, primeiro sistema hipertextual colocado em prática, funcionando em uma universidade norte-americana. Em 1970, publicou uma obra que dava orientações para um trabalho com leitura e produção de textos hipertextuais. Mas, os ideais de Nelson só foram verdadeiramente alcançados com o advento da web 2.0, momento em que o leitor também tem a oportunidade de ser produtor de conteúdo na internet.

Também Douglas Engelbart, especialista no uso de radares, teve a ideia de trabalhar com computadores que ampliassem o intelecto humano. Inspirado em Nelson, publicou no ano de 1962 o artigo “Argumentation” (ato ou processo de argumentar). No artigo, já apresentava os conceitos de mouse e o das janelas, ideias mais tarde aproveitadas por Bill Gates (GOMES 2007).

E por fim, cabe destacar a contribuição de Tim Bernes-Lee, pesquisador da CERN, um laboratório de pesquisa sediado na Suíça, que propôs em 1989 a World Wide Web (w.w.w). A web nasceu em 1981 e é o paradigma hipertextual, pois possui uma interface gráfica capaz de ligar todas as páginas existentes por meio dos mais diversificados ícones.

Não é equivocado pensar a web como um grande hipertexto aberto que permite sucessivas ligações entre as páginas, caracterizando-se também como descentralizada, pois não há uma sede, não hierárquica, pois não há um proprietário da rede, mas sim usuários que contribuem, produzindo e disponibilizando material na rede.

É possível se entender o hipertexto como “uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas de outra textualidade” Xavier (*apud* MARCUSCHI, 2004, p. 171). Todas essas características são possibilitadas pela presença dos *links*, estes que pressupõem certa autonomia ao leitor nas escolhas dos textos.

## **2.0. Novas formas de leitura/escrita no contexto da hipertextualidade**

A integração de semioses, o hipertexto, a garantia de um espaço para a autoria e para a interação, a circulação dos discursos polifônicos num mesmo ciberespaço, com a distância de um clique, desenham novas práticas de letramento na hipermídia (ROJO, 2013). Os estudos atualizados do letramento englobam práticas sociais específicas. Por esta razão, alguns conceitos são colocados, a exemplo do conceito de letramentos (múltiplos) “que não faz se não apontar para a multiplicidade e variedade das práticas letradas, valorizadas ou não nas sociedades em geral” (ROJO, 2012, p.13). O conceito de multiletramentos aponta para a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica (ROJO, 2012).

Os recursos interativos oferecidos pela web 2.0 podem ser modificados pelas pessoas que estão lendo, completando ideias já existentes, ou ampliando as discussões, como por exemplo, sites de pesquisa escritos colaborativamente como a *Wikipédia*, possibilitando novas leituras, além de novos escritos. Há então, a dessacralização do autor, pois qualquer pessoa, dotada ou não de prestígio científico e intelectual, pode publicar na internet, e questões como direitos autorais são colocadas em segundo plano.

Por isto, já não se pode falar somente em leitores ou em escritores, mas sim em lautores (ROJO, 2013), *producers* (CUSTÓDIO, 2013). Há, dessa forma, uma relação dialógica com o conteúdo: na medida em que é lido, também é passível de ser produzido, simultaneamente.

Ao se falar em lator, entende-se que houve uma alteração protocolar nos processos de leitura e escrita. A própria característica da internet que articula espaços de informação, concomitante a espaços de produção, promove além da negociação de significados, a possibilidade de construção destes.

O *producer* é, simultaneamente, usuário e produtor, pois seu trabalho é sempre a partir da transformação de um conteúdo disponível que está ao seu alcance, com o propósito de expandir ou melhorar um material em construção por um determinado grupo. Disso resulta uma característica

importante da *produsagem*: muitas versões de um material que sempre pode ser outro (CUSTÓDIO, 2013, p.71).

As novas exigências impostas pela contemporaneidade exigem, pois, que se tenha não apenas um sujeito letrado, fundado na característica do letramento, mas um sujeito semiótico, que vá além do código escrito. Que saiba lidar com recursos de som, produção audiovisual, infografia móvel e estática. A produção e disponibilização dos conteúdos neste novo contexto é marcada por combinações, (re)combinações, novas roupagens, acrescentamento e ampliação de informações, o que demonstra a potencialidade dos novos processos que envolvem o ler e o escrever.

### **3.0. Os links e as funções retórico-discursivas: influências para a construção do sentido no hiperconto “Um estudo em vermelho” (SPALDING, 2009)**

Um estudo em vermelho (SPALDING, 2009) é um hiperconto produzido pelo jornalista, escritor e idealizador do portal “Literatura Digital”, Marcelo Spalding. O gênero em questão denomina-se hiperconto pelo fato de, segundo o autor, ser um conto para era digital que se utiliza das ferramentas tecnológicas para potencializar a narrativa. É errôneo pensar a narrativa digital como um jogo, pois este tem como finalidade a vitória, diferentemente do hiperconto que tem em seu cerne outros propósitos, como por exemplo, a divulgação da literatura digital. Como explicitado anteriormente, interessa para esta análise o sistema hipertextual e não a materialidade literária, ainda que essa seja mencionada para o entendimento deste.

O hiperconto apresenta-se como um hipertexto, pois é construído a partir da interatividade entre o leitor e o texto digital, permitindo diferentes percursos de leitura, bem como a criação de novas histórias, mediante a escolha dos *links* clicados (ou não). Baseia-se no método da análise combinatória, ou seja, a partir das interferências proporcionadas pelo autor durante a leitura do hiperconto, o final pode mudar. Desta forma, pode-se dizer que ele é estabelecido na e pela co-autoria do material, ainda que não se tenha controle do conteúdo interno disponibilizado, mas a maneira com que se define a sequência dos tópicos, interligando o conteúdo a outro em diferentes ordens, define e, por vezes, altera o próprio contexto Santaella (*apud* SIGNORINI, 2008). Para fins classificatórios no que diz respeito aos links, utilizaremos o método proposto por Hissa (2009) e Gomes (2011) que classificam os links levando em consideração suas funções estruturantes e discursivas como resultado das funções que eles desempenham no hipertexto.



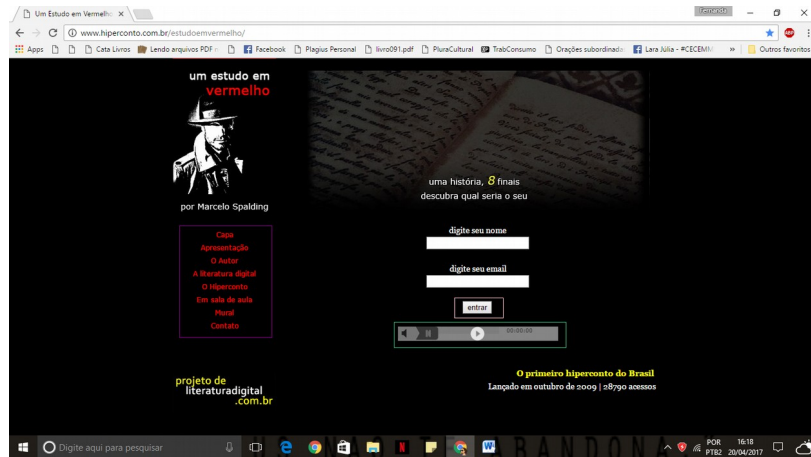


Figura 1: Capa do hiperconto “ Um estudo em Vermelho” (SPALDING, 2009)  
Fonte: <http://www.hiperconto.com.br/estudoemvermelho/>

Percebe-se, de acordo com a imagem, que ao digitar o nome e o e-mail, o leitor (ROJO, 2013) tem acesso ao hiperconto e também se torna co-autor dele, tornando-se responsável pela produção da história. A palavra “enviar” (destacada de rosa), segundo a morfologia (forma) do *link*, pode ser classificada como um *link* textual (HISSA, 2009). Links dessa natureza podem vir sublinhados, com cores diferentes, também podendo variar conforme o tipo e o formato da letra, induzindo ao clique. Assim, também se podem ver outros links textuais como os nomes em cor vermelha do lado esquerdo do *design* (destacados de roxo). O clique no *link* “enviar” proporciona ao leitor adentrar no hiperconto e construí-lo. A própria localização do *link* o dá uma maior importância e o confere a ideia de continuidade (GOMES, 2011).

Os *links* em vermelho levam o usuário a informações adicionais, como dados do autor, discussões sobre o conceito de literatura digital, sobre o próprio conceito de hiperconto, ampliando na própria narrativa os horizontes de leitura do leitor. Há também a presença de outro *link* textual, responsável pela integração de som à narrativa. Sua colocação na capa do hiperconto, na parte inferior do *design*, confere importância ao *link* e instiga o leitor a clicá-lo. O som promove a ambientação da história e, com isso, prepara o leitor para a narrativa que ele irá, posteriormente, ler e construir.

O hiperconto estrutura a trama em formato de e-mail, hibridizando o gênero. Percebe-se então, que a construção do hiperconto pelo leitor se dá nas respostas ao e-mail trocado com o personagem principal (Mr. Dupin). A trama do hiperconto consiste na solução de um caso pelo detetive em questão, personagem principal da história, que necessita de colher informações da pessoa que solicitou seus serviços, no caso, o leitor, no intuito de solucionar o caso. Sobre a estruturação do hiperconto em análise cabe destacar a fala de Komesu (2005) que diz que o



hipertexto consiste não apenas das palavras que o autor escreveu, mas também a estrutura das decisões que criou para que o leitor explore a página eletrônica. Dessa maneira, é necessário que se clique no *link* textual em destaque, haja vista que a história se dá a partir da troca de e-mails, e o não clique no ícone destacado em azul, faz com que não se tenha resposta, e, conseqüentemente, não se progrida na narrativa. O *link* em questão funciona como porta de entrada para outros espaços (KOCH, 2007, p. 27).



Figura 2: Início do hiperconto “Um estudo em Vermelho” (SPALDING, 2009)  
Fonte: <http://www.hiperconto.com.br/estudoemvermelho/>

Como já adiantado, o hiperconto se constrói a partir das escolhas do autor. Assim, por meio de *links* implicados (GOMES, 2011), isto é, que aparecem como parte do texto ou da imagem, ficando embutidos no próprio texto, ainda que estes também sejam textuais, o co-autor do texto interfere em sua construção mediante a escolha de um dos *links*. Cada *link* proporciona ao autor um percurso de leitura e construção textual diferente.

A escolha é influenciada de acordo com os conhecimentos de mundo e a bagagem de leitura de cada um, bem como de suas preferências em relação a leitura. A esse respeito, diz Santaella (*apud* BENTES;REZENDE,2008) que o hipertexto não é feito para ser lido do começo ao fim, mas sim através de buscas, descobertas e escolhas. Vale ressaltar que o hipertexto em questão pode ser considerado fechado (GOMES, 2007), pois os links levam os autores a conteúdos que estão dentro do próprio site, e que o percurso oferecido por eles é linear, porque é formado partir de um hipertexto de estilo sequencial feito para o meio impresso e estruturado na web (HISSA, 2009). Sobre o processo de leitura, comenta Santaella (*apud* BENTES;REZENDE,2008, p.53) dizendo que é o usuário que determina a informação que deve ser vista e por quanto tempo. Quanto maior a interatividade, mais profunda será a experiência de imersão do leitor. O design da interface é feito

para incentivar a determinação e tomada de decisão que se expressa na sua concentração, atenção e compreensão da informação.

A experiência de imersão de leitura, bem como de escrita, se dá justamente pela importância da escolha, que legitima o processo de autoria do hiperconto e fundamenta o conceito de co-produção. Os *links* em destaque não só induzem ao clique, como restringem, no sentido de direcionar a produção e a leitura do hiperconto. A escolha (ou não escolha) do *link* aprofunda o processo imersivo e demanda o acionamento de esquemas de leitura.



Figura 2: Hiperconto “Um estudo em Vermelho” (SPALDING, 2009)  
Fonte: <http://www.hiperconto.com.br/estudoemvermelho/>

Os links fazem mais do que conectar documentos ou continuar textos, eles acionam esquemas interpretativos antes mesmo de que o novo documento esteja aberto. Esses esquemas são percebidos no objeto em análise, pois os *links* são acionados, no intuito da obtenção das respostas dos e-mails. A própria tessitura narrativa e a hibridização do gênero, trazendo características do e-mail para o hiperconto, demanda o acionamento desses esquemas, já que ao se enviar um e-mail, por conseguinte, espera-se a resposta, resposta esta que já está projetada na mente, mesmo que ela ainda não tenha acontecido. Sobre isto, ressalta Koch (2007, p. 27) que:

Do ponto de vista cognitivo, pode-se dizer que o hiperlink exerce o papel de um “encapsulador” de cargas de sentido. Para tanto, cabe ao produtor proceder a uma construção estratégica dos hiperlinks, de maneira que eles sejam capazes de acionar modelos (frames, scripts, esquemas etc.) que o leitor tem representados na memória, levando-o a inferir o que poderá existir por trás de cada um deles, formulando hipóteses sobre o que poderá encontrar ao segui-los.

Os links em destaque além de possuírem carga semântica também são responsáveis pela continuidade do texto e pelo ativamento de esquemas mentais de leitura/produção. É necessário, pois, que haja o acionamento de tais esquemas, haja vista que o leitor precisa construir o percurso

de leitura e tais direcionamentos prévios são necessários no que diz respeito à seleção, organização e adequação de informações.

## CONCLUSÃO

Cada vez mais as pessoas estão se conectando utilizando as TDIC's, sobretudo com as tecnologias móveis, como celulares, notebooks, tablets entre outros dispositivos que permitem a conexão durante todo o dia. Em tempos de web 2.0, todos os usuários também têm a oportunidade de serem produtores e são, haja vista a quantidade de conteúdo compartilhado na rede através das redes sociais, sites, web pages, entre outros.

Este contexto produtivo favorecido pela sociedade marcada por prefixos (hiper, multi, pluri, entre outros) favoreceram o metamorfoseamento da produção escrita e do ato da leitura, tornando-os também prefixais. Fala-se agora em leitura e escrita hipertextuais. A incorporação de semioses, a interatividade e a colaboratividade são marcas que delineiam a (re)configuração desses processos. O acréscimo de ícones, símbolos, *gifs* e *links* ajudaram no processo de legitimação desta mudança, contribuindo, inclusive no surgimento de novos gêneros digitais e também nas mudanças dos papéis assumidos pelos sujeitos sociais, que além de leitores e escritores, tornam-se lutores, já que realizam simultaneamente os processos.

Nesta totalidade, ao se analisar o comportamento dos *links*, no que diz respeito às contribuições retórico-discursivas e o reforço para a construção do sentido, percebe-se a importância deles, pois alteram o modo de acesso, influenciam na compreensão, acrescentando sentidos, proporcionando o estabelecimento de diferentes relações. Além disto, a análise do hiperconto "Um Estudo em Vermelho" (SPALDING, 2009) permitiu a percepção das possibilidades oferecidas pelos gêneros digitais. A estrutura narrativa multilinear e a forma de disponibilização do conteúdo interno permite a participação do lutor na produção, sobretudo na produção dos sentidos, oportunizando a interação com o hipertexto.

Os *links* na narrativa digital possuem um forte valor discursivo, haja vista que o processo de leitura e produção perpassa ou não pelas suas escolhas. Ainda é possível perceber que não só induzem ao clique, mas também ampliam os sentidos e proporcionam a construção de outros. É relevante também destacar o caráter potencializador do hiperconto pela sua capacidade de hibridização dos gêneros, o que favorece a própria metáfora hipertextual, conferindo assim mais importância aos *links* dispostos.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vechchi; tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CUSTÓDIO, M.A. **Produção escrita na escola, novas tecnologias e culturas da juventude**: diálogos possíveis. 2013. 227 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.
- GOMES, L.F. **Hipertextos multimodais**: o percurso de apropriação de uma modalidade com fins pedagógicos. 2007. 212 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- GOMES, L.F. **Hipertexto no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2011.
- HISSA, D. **Uma proposta de classificação dos links hipertextuais a partir de critérios navegacionais e informacionais**. In: III Congresso Nacional sobre Hipertexto. Belo Horizonte – MG, 2009.
- KOCH, I.V. **Hipertexto e construção do sentido**. Alfa, São Paulo, 51 (1): 22-38, 2007.
- KOMESU, F. Pensar em Hipertexto. IN: ARAÚJO, J.C; RODRIGUES, B.B. **Interação na internet**: novas formas de usar a linguagem. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- ROJO, R. et al (Org.). **Escola Conectada: os multiletramentos e as TICS**. São Paulo: Parábola, 2013.
- ROJO, R; BARBOSA. J.P. **Hipermodernidade, Multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola, 2015.
- ROJO, R. Pedagogia dos Multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: MOURA, E; ROJO, R (orgs). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola editorial, 2012.
- SANTAELLA, L. O novo estatuto do texto nos ambientes de hipermídia. In: **[Re]discutir texto, gênero e discurso**. SIGNORINI. I. (org). São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- SPALDING, M. **Um Estudo em Vermelho**. Disponível em < <http://www.hiperconto.com.br/estudoemvermelho/> > Acesso em 22 abril de 2017.
- XAVIER, Antônio Carlos. **Leitura, texto e Hipertexto**. In: MARCUSCHI, L. A; XAVIER, A. C.S. Hipertextos e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro. Lucerna, 2004.